CONTRIBUIÇÕES DAS TEORIAS PÓS-CRÍTICAS NO CURRÍCULO E NAS PESQUISAS

João Victor Pereira dos Santos¹

Carlos Alberto de Vasconcelos²

RESUMO

O currículo é um documento que organiza os conhecimentos produzidos durante a história humana, os modos de transmiti-los e assimilá-los, e que é influenciado pelas teorias do currículo. Entre essas teorias, destacam-se as pós-críticas, que surgiram como uma forma de estender e aprofundar as discussões iniciadas pelas teorias críticas, buscando abordar temas que eram considerados “tabus” na sociedade, como o gênero, sexualidade, raça, etnia, ou seja, todos os aspectos que englobam a esfera de identidade, além de problematizar as relações de poder. Assim, o objetivo deste ensaio é re(conhecer) as contribuições das teorias pós-críticas no currículo e nas pesquisas. Para isso, utilizou-se como base para as análises sobre o currículo, o livro “Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo”, de Tomaz Tadeu da Silva. Enquanto as análises com relação às pesquisas, utilizou-se o livro “Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação”, de Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso. Como resultado, embora as escolas ainda adotem currículos tradicionais, centrados no conteúdo e na técnica do ensino, as teorias pós-críticas trouxeram contribuições ao currículo e às pesquisas. Dentre elas, destaca-se o multiculturalismo, que quebra as ideias de uma hierarquia de culturas, ou seja, de uma “alta cultura” e uma “baixa cultura”, desconstrói construções sociais normatizadas e valoriza o conhecimento originado pelo “senso comum”.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo; Pesquisa; Teorias Pós-Críticas.

ABSTRACT

The curriculum is a document that organizes the knowledge produced throughout human history, the ways of transmitting and assimilating it, and which is influenced by curriculum theories. Among these theories, the post-critical ones stand out, which emerged as a way of extending and deepening the discussions initiated by critical theories, seeking to address topics that were considered “taboo” in society, such as gender, sexuality, race, ethnicity, that is, all aspects that encompass the sphere of identity, in addition to problematizing power relations. Thus, the objective of this essay is to re(cognize) the contributions of post-critical theories in curriculum and research. To this end, the book “Identity Documents: an introduction to curriculum theories”, by Tomaz Tadeu da Silva, was used as a basis for analyses of the curriculum. As for the analyses regarding the research, the book “Post-Critical Research Methodologies in Education”, by Dagmar Estermann Meyer and Marlucy Alves Paraíso, was used. As a result, although schools still adopt traditional curricula, centered on content and teaching techniques, post-critical theories have made contributions to curriculum and research. Among them, multiculturalism stands out, which breaks the ideas of a hierarchy of cultures, that is, of a “high culture” and a “low culture”, deconstructs standardized social constructions and values knowledge originated by “common sense”.

KEYWORDS: Curriculum; Search; Post-Critical Theories.

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão –SE–Brasil. Graduado em Ciências Biológicas. Brasil. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação (Foptic), vinculado à UFS e ao CNPq. E-mail:joaovictorpereira2013@gmail.com

² Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão –SE –Brasil. Doutor em Geografia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação (Foptic), vinculado à UFS e ao CNPq. E-mail:grupo.foptic@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao longo da história humana, o conceito e os objetivos do currículo passaram por diversas transformações e adaptações, refletindo a influência dos contextos socioculturais e históricos das sociedades. Essas mudanças não só influenciaram como o currículo é estruturado, como também as concepções e as práticas docentes. Conforme enfatizado por Sacristán (2017), o currículo é concebido como uma práxis³, ou seja, não é um objeto estático. Portanto, o currículo não deve ser considerado como algo finalizado ou completo, ele carrega em si as influências sociais nas práticas educativas. De acordo com Maria da Silva (2006, p. 1), a construção de um currículo, no decorrer da história, apresenta como base as seguintes pretensões:

(1) Racionalizar, de forma administrativa, a gestão do currículo para adequá-lo às exigências econômicas, sociais e culturais da época; (2) elaborar uma crítica à escola capitalista; (3) compreender como o currículo atua, e (4) propor uma escola diferente, seja na perspectiva socialista, seja na perspectiva libertária.

Seguindo essa linha de raciocínio, a elaboração de um currículo apresenta intenções que vão além do escopo educativo. O desenvolvimento de um currículo considera, também, os processos de competição e confronto em contextos sociais, políticos, culturais, econômicos e de poder. Além disso, o currículo reflete as características culturais de uma sociedade, porém no viés da cultura dominante. Silva (2016, p.35) discutia essa questão quando escreve que:

O currículo da escola está baseado na cultura dominante: ele se expressa na linguagem dominante, ele é transmitido através do código cultural dominante. As crianças das classes dominantes podem facilmente compreender esse código, pois durante toda sua vida elas estiveram imersas, o tempo todo, nesse código. [...] Em contraste, para as crianças e jovens das classes dominadas, esse código é simplesmente indecifrável.

O currículo é um documento ou recurso utilizado, principalmente, na educação com o intuito de orientar o que os alunos irão aprender em uma determinada instituição educacional. No entanto, esse conhecimento não pode ser limitado a planos de ensino, grade curricular e outros termos limitantes, uma vez que o currículo também inclui os valores, as convicções e a cultura de uma sociedade (Sacristán, 2013). Corroborando com isso, Moreira e Silva (2018, p.28) afirmam que:

[...] o currículo não é veículo de algo a ser transmitido e passivamente absorvido, mas o terreno em que ativamente se criará e produzirá cultura. O currículo é, assim, um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação, recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão.

O currículo, nas instituições de ensino brasileiras, geralmente, é percebido, geralmente, como um registro dos conteúdos programados pelos docentes, normalmente descontextualizado com a realidade dos alunos. Essa abordagem limitada pode subestimar o

³ Práxis é uma palavra que tem origem no termo grego práxis que significa ação ou atividade. No ensino, apresenta o sentido do processo de uma teoria ser convertida em uma prática.

verdadeiro potencial do currículo como um recurso abrangente que não prioriza apenas o processo, mas também promove uma educação significativa e contextualizada.

As teorias pós-críticas desempenharam um papel importante no avanço das pesquisas educacionais, promovendo uma abordagem interdisciplinar e crítica mais ampla. Além disso, ao expandir o escopo dos objetos de estudo das pesquisas, essas teorias permitiram a exploração de uma gama diversificada de questões, que vão desde temas de gênero, raça e sexualidade até políticas públicas, cultura e educação. Outro ponto, é que essas perspectivas pós-críticas não se limitaram a questionar as estruturas de poder existentes, mas também a própria natureza da crítica, reconhecendo a complexidade das dinâmicas culturais e sociais. Essa abordagem mais ampla e reflexiva contribuiu significativamente para a compreensão mais profunda das questões educacionais contemporâneas e para a promoção de uma análise mais holística⁴ e inclusiva das práticas e políticas educacionais.

Desta feita, o presente ensaio tem como objetivo discutir sobre as contribuições das teorias pós-críticas no currículo e nas pesquisas. Para contemplar esse objetivo, utilizou-se como base para as análises sobre o currículo, o livro “Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo” (2016), de Tomaz Tadeu da Silva. Enquanto as análises com relação às pesquisas, utilizou-se o livro “Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação” (2012), de Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso.

Tomaz Tadeu em seu livro "Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo" tem como principal objetivo gerar uma discussão acerca das teorias do currículo, desde suas raízes na década de 1920 até as teorias pós-críticas contemporâneas. Organizado em quatro capítulos, cada um oferece uma análise detalhada das principais correntes que moldaram o campo do currículo ao longo do tempo. O autor não apenas apresenta um panorama das teorias existentes, mas também oferece uma análise crítica e reflexiva, destacando as contribuições de cada abordagem e as controvérsias subjacentes.

Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso em seu livro “Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação” têm como principal proposta fornecer orientações e *insights*⁵ para pesquisadores interessados em adotar abordagens pós-críticas em seus estudos na área da educação. Composto por 13 artigos, o livro apresenta uma variedade de metodologias que podem ser utilizadas por pesquisadores nas áreas da saúde e educação, oferecendo exemplos concretos e reflexões sobre sua aplicação prática. Além de explorar as metodologias específicas, os autores também discutem questões teóricas e éticas fundamentais relacionadas à pesquisa pós-crítica, fornecendo um recurso abrangente e acessível para aqueles que buscam aprofundar sua compreensão nesse campo.

Assim, este ensaio busca contribuir para a literatura e promover um debate da perspectiva pós-crítica no campo do currículo e das pesquisas. Para alcançar esse objetivo, serão analisadas as obras mencionadas anteriormente, juntamente com contribuições de outros autores relevantes que exploram essa temática. Por meio dessa análise, busca-se não apenas elucidar os conceitos fundamentais das teorias pós-críticas, mas também destacar sua aplicabilidade e impacto no contexto educacional contemporâneo.

DESENVOLVIMENTO

Antes de nos aprofundarmos sobre as teorias pós-críticas no contexto do currículo e das pesquisas, é imperativo entendermos a definição do próprio termo “currículo”. Segundo Silva (2016), a etimologia da palavra "currículo" deriva do latim “*curriculum*”, traduzido

⁴ Holístico é um termo que significa compreender os fenômenos na sua totalidade ou de forma global e não somente as partes que integram esse todo.

⁵ *Insights* é um termo em inglês que significa percepção. Nesse contexto, tem o sentido de um acontecimento cognitivo de aprendizagem ou ideia de forma repentina.

literalmente como “pista de corrida”. Essa analogia sugere que, ao longo dessa “corrida” ou jornada que é o currículo, acabamos por nos transformar naquilo que somos, ou seja, moldamos nossa identidade na sociedade. Ainda na perspectiva desse autor, o currículo pode ser agrupado em três teorias ou vertentes: tradicionais, críticas e pós-críticas. Cada uma delas surgiu em contextos históricos e sociais distintos e possui características próprias definidas em correntes epistemológicas, como o estruturalismo, positivismo, fenomenologia, dentre outras. Neste ensaio, o foco estará na análise do currículo sob a perspectiva das teorias pós-críticas, explorando suas origens, características e contribuições para o campo educacional.

As teorias pós-críticas emergiram durante as décadas de 1970 e 1980 como uma evolução e ampliação das teorias críticas. Estas novas abordagens se destacaram por aprofundar a análise das dinâmicas de poder, bem como questões relacionadas à raça, gênero, sexualidade e outros aspectos de identidade. As teorias pós-críticas fundamentaram-se a partir dos princípios do pós-estruturalismo, da fenomenologia e do multiculturalismo. Assim como as teorias críticas, as perspectivas pós-críticas questionam as teorias tradicionais, mas expandiram o debate para além da questão das classes sociais, concentrando-se, principalmente, no sujeito (Silva, 2016). Corroborando com essa ideia, tem-se a seguinte afirmação:

Na teoria do currículo, assim como ocorre na teoria social mais geral, a teoria pós-crítica deve se combinar com a teoria crítica para nos ajudar a compreender os processos pelos quais, através de relações de poder e controle, nos tornamos aquilo que somos. Ambas nos ensinaram, de diferentes formas, que o currículo é uma questão de saber, identidade e poder Silva (2016, p. 147).

De fato, mesmo com as suas diferenças, as teorias críticas desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento das teorias pós-críticas, fornecendo uma base para o seu desenvolvimento posterior. Ademais, existem assuntos que uma enfatizará mais para discussão em comparação à outra. Assim, combinar as teorias críticas com as pós-críticas para a análise e elaboração do currículo possibilita uma compreensão mais profunda das suas intenções e objetivos.

Dentre os filósofos integrantes das teorias pós-críticas, Foucault⁶, Derrida⁷ e Lyotard⁸ desempenharam papéis importantes no desenvolvimento das teorias pós-críticas ao criticarem as metanarrativas totalizadoras, os binarismos históricos e as estruturas de poder. Suas críticas ao positivismo, liberalismo e marxismo tradicional refletiram uma rejeição à ideia de abordagens que tentavam explicar a complexidade da sociedade de maneira unificada e universal. Essa postura trouxe contribuições para as teorias pós-críticas, no sentido da busca pela multiplicidade de perspectivas e discursos que não levassem a verdades universais.

Os movimentos sociais, como o feminismo e o homossexualismo, também auxiliaram na abordagem de questões relacionadas à identidade, gênero, raça e orientação sexual, tornando as teorias pós-críticas pluralizadas. O feminismo é um movimento social de reivindicação dos direitos das mulheres que questiona e problematiza as estruturas de poder

⁶ Michel Foucault foi um filósofo francês que criticava a relação de poder e conhecimento e como eles eram utilizados para o controle social. Foucault não se considerava com um pós-estruturalista e pós-modernista, mas suas ideias serviram como base para essas correntes.

⁷ Jacques Derrida foi um filósofo franco-magrebino pós-estruturalista que questionou a estrutura saussuriana da linguagem e acredita que o currículo pós-estruturalista deveria quebrar com a ideia dos binarismos da história e questiona os “significados transcendentais”, ligados à religião, à pátria, à polícia e à ciência.

⁸ Jean-François Lyotard foi um filósofo francês pós-modernista que questionou as “metanarrativas totalizantes”, suas discussões pós-modernistas ficam mais evidentes em seu trabalho “A condição pós-moderna”, publicado em 1979.

patriarcais, promovendo uma análise crítica das relações de gênero e das desigualdades sociais. O surgimento desse movimento remonta ao período pré-moderno, quando a ideia do feminismo começou a tomar forma. A cidade de Veneza do século XVII, durante a República de Paolo Sarpi, era conhecida como uma cidade culta e próspera que deixava em evidência o enfrentamento crítico ao papado, além de manter o livre acesso à cultura para as mulheres desde o Renascimento⁹ (Garcia, 2018). Apesar dos avanços na participação política e cultural das mulheres na sociedade veneziana, ainda persistiam questionamentos sobre a exclusão delas do acesso à educação e a outros papéis importantes na sociedade. Essas preocupações motivaram intelectuais em Veneza a produzirem obras que enfatizavam a importância das mulheres na história humana e abordavam temas como a desigualdade de gênero e a inferioridade percebida das mulheres em relação aos homens. (Garcia, 2018).

No Brasil, o feminismo de primeira onda e a noção do movimento feminista emergiram no século XIX, impulsionados pelas obras de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885). A publicação de obras como “Conselhos à Minha Filha” (1842), “Opúsculo Humanitário” (1853) e “A Mulher” (1856), juntamente com a tradução da pioneira obra de Mary Wollstonecraft, "*A Vindication of the Rights of Women*" (1832), representou um marco no despertar de uma consciência crítica sobre a condição das mulheres na sociedade brasileira (Costa e Sardenberg, 2008). Essas obras influenciaram significativamente o movimento feminista brasileiro, contribuindo para debates e reflexões sobre os direitos e o papel das mulheres na sociedade e para a luta por sua emancipação e igualdade de direitos.

O movimento homossexual¹⁰ emergiu no Brasil no final dos anos de 1970, com a criação do "Jornal Lampião da Esquina" (1978), no Rio de Janeiro, e do grupo "SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual" (1979), ocorrendo no momento da abertura política do Regime Militar (1964-1985) (Carneiro, 2015). De acordo com Facchini (2003, p. 4), esse movimento tinha como objetivo “de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento”. Para Simões e Facchini (2009), o movimento homossexual no Brasil pode ser dividido em três “ondas”, sendo a primeira associada com a “abertura política” da Ditadura Militar e com a criação do “Jornal Lampião da Esquina” e do “SOMOS”.

A segunda onda começou em 1980, marcada por um período de redemocratização política e mobilização social durante a Assembleia Constituinte, bem como pelo aumento da epidemia de HIV/AIDS (Simões; Facchini, 2009). Nesse contexto, o Grupo Gay da Bahia (GGB) foi fundado no mesmo ano por Luiz Mott, desempenhando um papel crucial na organização de passeatas contra a homofobia e na criação de campanhas para desmistificar a visão da homossexualidade como um “transtorno ou desvio mental”. Além do GGB, o Triângulo Rosa (1985-1988), iniciativa liderada por João Antônio Mascarenhas (fundador do “Jornal Lampião da Esquina”), também contribuiu significativamente durante a segunda onda.

A terceira onda teve início na década de 1990, com a consolidação da parceria do Estado com a criação de grupos ativistas, como o grupo homossexual, além da adoção da sigla LGBT para se referir ao movimento e a consagração das “Paradas do Orgulho LGBT” em todo país (Simões; Facchini, 2009). Paralelamente, houve um crescimento significativo do mercado voltado à homossexualidade, abrangendo desde produtos culturais até serviços específicos.

⁹ O Renascimento é um período da história europeia, iniciado no século XIV até o século XVII, caracterizado pela retomada dos valores da Antiguidade Clássica ou greco-romana.

¹⁰ Termo utilizado inicialmente para designar o movimento. Atualmente, para incluir e dar visibilidade a outras orientações sexuais e identidades de gênero, o termo atualizou para LGBTQIA+.

Além desses movimentos sociais, juntamente com as narrativas étnicas e raciais e a teoria *queer*, trouxeram contribuições significativas às teorias pós-críticas, por evidenciar questões relacionadas aos grupos socialmente marginalizados. A globalização, as crises e as transformações sociais também influenciaram nas problemáticas trabalhadas nas teorias pós-críticas.

A teoria *queer*¹¹ teve seu início em 1990 com a publicação do livro “*Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*” (Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade), pela professora e filósofa americana Judith Butler. Embora há um foco mais profundo relacionado ao gênero, Butler também traz questionamentos relacionados a identidade de gênero e o binarismo heterossexual. Nesse livro, a autora recusa a ideia da metafísica da substância, rejeitando a ideia de que o sexo e o gênero são entidades naturais ou fixas (Firmino; Porchat, 2017). Além disso, Butler sustenta a ideia de que o sujeito está em constante processo de construção, assim a identidade de gênero é entendida como uma série de ações que não são predefinidas (Ribeiro; Menezes, 2020).

O currículo, na abordagem pós-crítica, também sofreu influências, acréscimos e transformações das seguintes correntes filosóficas que surgiram em momentos históricos e contextos socioculturais distintos: pós-modernismo, pós-estruturalismo e pós-colonialismo.

O currículo na visão pós-modernista é representado pelo fim da historicidade e das “grandes narrativas”, simbolizando o rompimento da barreira entre a “alta cultura” e a “baixa cultura”. Ademais, questiona a consciência unitária, utópica e universal, consolidada no iluminismo, colocando em questão o currículo na perspectiva tecnicista e das pedagogias emancipatórias (Silva, M., 2006).

Jean-François Lyotard em seu livro “A condição pós-moderna”, publicado em 1979, afirma que a pós-modernidade é um momento caracterizado pela descrença nas metanarrativas totalizadoras mantidas durante a modernidade. Para Lyotard “o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna” (Lyotard, 2021, p. 3). Assim, o saber científico torna-se subordinado aos países mais desenvolvidos com as tecnologias mais avançadas, gerando uma discussão sobre legitimação do conhecimento e a sua relação com o poder.

O pós-estruturalismo também trouxe contribuições significativas ao currículo, dentre elas a valorização de assuntos considerados “irrelevantes” socialmente, além de possibilitar espaço de diálogo aos sujeitos marginalizados e aos temas que eram deixados de lado nas escolas (Moura; Brito; Souza, 2021).

O currículo, na perspectiva pós-colonialista, valoriza as experiências e as percepções dos sujeitos sobre o mundo como início para a construção do conhecimento e desenvolvimento das atividades escolares. Uma das obras brasileiras que auxiliaram na fundamentação pós-colonialista do currículo brasileiro é a “Pedagogia do Oprimido” (1968) de Paulo-Freire, publicado em 1968, embora que a intenção do autor não fosse o desenvolvimento de marcos de uma pedagogia pós-colonialista (Lima; Pernambuco, 2018). Além disso, o currículo pós-colonialista, baseado nos postulados por Paulo Freire, fundamenta-se nas seguintes etapas ou momentos do método de alfabetização: investigação temática, tematização e problematização.

A investigação temática consiste em estudar a realidade dos indivíduos a partir do contexto sociocultural, histórico e político-econômico em que estão inseridos. Esse estudo tem como o intuito compreender a forma como os sujeitos percebem ou sentem sua própria realidade, procurando se aprofundar na vida do seu grupo-classe, observando seus conflitos e contradições, ultrapassando, assim, a simples constatação de fatos (Couto, 2003).

¹¹ O termo *queer* é uma palavra do inglês que significa “estranho”. Antigamente, esse termo tinha uma conotação pejorativa, mas, com a ascensão dos movimentos LGBTQIA+, o termo passou a ser designado às pessoas que não se identificam com padrões de gênero impostos pela sociedade.

A tematização é o processo de formação de temas originados a partir da análise dos discursos ou palavras originadas pelos indivíduos, com o intuito de buscar o seu significado naquela comunidade epistêmica. Ademais, através do tema são originadas palavras geradoras que irão servir como um recorte da realidade daquele local, com o intuito de decodificar, ou seja, representar a realidade a partir da interação elementos com os sujeitos. A tematização auxilia, também, no planejamento interdisciplinar dos conteúdos, com o objetivo de expandir a compreensão que os indivíduos possuem sobre as complexidades de suas experiências de vida (Lima; Pernambuco, 2018).

A problematização é a etapa responsável pela associação entre o saber empírico dos indivíduos, originado pelas suas experiências, com o saber sistematizado das ciências, com o intuito de criticar e transformar o contexto que estão inseridos. Nesse momento, o indivíduo ressignifica a sua visão incompleta de mundo de modo a rompê-la para uma consciência reflexivamente dialética (Freire, 2019).

Outro aspecto enfatizado pelo currículo pós-crítico é o multiculturalismo. Esse tipo de abordagem é caracterizado pelo respeito e valorização das identidades e pluralidades culturais, de modo a combater o sexismo, o racismo e o preconceito de modo mais geral, gerando espaços críticos que fomentam a transformação social (Canen; Oliveira, 2002). No contexto escolar, tratar o multiculturalismo no currículo é uma forma de incluir e dar voz aos alunos que, muitas vezes, se sentem silenciados pela cultura dominante. Além disso, é importante ressaltar que o multiculturalismo no currículo não se limita apenas à inclusão de conteúdos variados relacionados à pluralidade cultural, mas também envolve a adoção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e promovam a equidade. Isso inclui a adoção de políticas que combatam a discriminação e a realização de debates ou discussões que permitam a participação e a expressão das perspectivas dos alunos. Corroborando com isso, Vasconcelos e Nhacuongue (2023, p. 122) discutiram sobre a proposta do multiculturalismo no currículo ao afirmarem que:

Olhando para o que se diz sobre a origem do multiculturalismo, compreende-se aqui, num primórdio protestante, um grito de socorro ou então uma forma de reclamar a identidade ameaçada pelo esquecimento. O debate sobre multiculturalismo pressupõe tensões entre as variáveis formas de conceber a cultura, entre as quais se destaca o campo educacional.

A partir do que foi exposto anteriormente, o currículo na perspectiva pós-crítica representa um terreno de influência, competição e tensões, que não deve ser negligenciado pelas partes envolvidas, mas que pode ser alterado à medida que questionamos quais conhecimentos são considerados legítimos (Silva, T., 2016). Nessa ótica, a comunidade escolar tem o currículo como um recurso fundamental e em constante transformação, que exerce uma influência significativa sobre o aprendizado dos alunos. Portanto, sua relevância não deve ser subestimada (Silva, 2016 *apud* Machado, 2017).

Com relação ao desenvolvimento das pesquisas pós-críticas, a metodologia de pesquisa é intrinsecamente pedagógica, pois está relacionada às instruções sobre como conduzir, executar ou realizar uma pesquisa (Meyer; Paraíso, 2012). Portanto, ao selecionar uma abordagem metodológica para guiar nosso trabalho de pesquisa, é essencial estarmos dispostos a aprofundar nossos estudos sobre ela. No entanto, é importante reconhecer que cada metodologia de pesquisa apresenta diferentes graus de rigidez, mas é possível adaptá-las desde que tais modificações sejam esclarecidas e devidamente justificadas.

A função pedagógica das pesquisas que utilizam como base as teorias pós-críticas, geralmente, causam um estranhamento por parte dos pesquisadores, uma vez que as correntes teóricas pós-críticas “não se referem a um método de pesquisa, no sentido usual do termo” (Meyer; Paraíso, 2012, p. 15). Nesse sentido, a construção das metodologias de algumas

dessas correntes, como o pós-feminismo e a teoria queer, ocorrem durante o processo de investigação.

Como forma de auxiliar os pesquisadores, Meyer e Paraíso (2012) construíram alguns trajetos e procedimentos para a elaboração das pesquisas que utilizam as teorias pós-críticas como método, evidenciados e analisados nos próximos 10 itens:

1. Articular e “bricolar”! É de suma importância realizar a conexão de saberes e adotar abordagens metodológicas flexíveis em nossas pesquisas pós-críticas. Nossas metodologias são projetadas para criar e costurar essas conexões entre saberes e realizar uma espécie de "bricolagem" de métodos, uma vez que não seguimos uma única teoria para orientar nossos trabalhos e nem adotamos um método preestabelecido. A prática da bricolagem representa um momento de desprendimento total, onde se faz necessário inventar novos territórios conceituais. No entanto, para realizar essa articulação de saberes e bricolagem metodológica, fundamentamo-nos em diversos deslocamentos, viradas de pensamento, explosões e desconstruções propostas pelas teorias pós-críticas. Além disso, ao realizar essas articulações e bricolagens, também incorporamos contribuições de todas as disciplinas que oferecem conhecimentos, conceitos, estratégias metodológicas ou procedimentos relevantes para nossas pesquisas.
2. Ler! Buscamos uma leitura minuciosa e detalhada. Essa abordagem é fundamental, pois compreendemos que a demora é essencial tanto para adquirir um profundo conhecimento de nosso objeto de estudo quanto para explorar nossas "afiliações teóricas" e compreender a potência dos conceitos e recursos com os quais trabalharemos. Dois deles merecem destaque por desempenharem um papel fundamental em nossas pesquisas pós-críticas: a leitura das fontes "ditas e escritas" relacionadas ao nosso objeto de estudo e a leitura da teoria que selecionamos para conduzir nossa investigação.
3. Montar, desmontar e remontar o já dito! Dedicamos um cuidadoso tempo à leitura dos textos já existentes que tratam do nosso objeto de estudo, visando adquirir um conhecimento profundo, mapear, e destacar o que já foi dito, pesquisado, significado, escrito, publicado e divulgado sobre o assunto que escolhemos investigar. Para sistematizar o conhecimento adquirido, construímos um discurso ou um mapa que representa o que já foi dito sobre nosso objeto de estudo. Ao criar esse mapa ou discurso, desmembramos os dizeres e escritos por meio de resumos, sínteses e separações dos argumentos, teses e significados que pretendemos questionar, desconstruir e reinterpretar. Estabelecemos conexões entre os diversos dizeres e escritos que surgiram em momentos e lugares diversos. Interrogamos e analisamos criticamente o conteúdo. Por fim, recompomos tudo o que desmembramos de uma maneira diferente, criando um mapa que reflete os dizeres que desmontamos, reunimos e separamos, a fim de evidenciar o que foi feito até então e expressar nossos planos futuros.
4. Compor, decompor e recompor! Dedicamos também um tempo significativo à leitura e compreensão aprofundada da teoria que escolhemos como base para nossa pesquisa. Desmembramos conceitos, recursos teóricos e significados. Descartamos qualquer doutrina dos autores que lemos, uma vez que sabemos que doutrinas não têm impacto ou influência em nosso pensamento. No entanto, valorizamos o aspecto inquisitivo. Afinal, o objetivo central de nossas pesquisas pós-críticas é encontrar uma linguagem alternativa para discutir currículos e cultivar um pensamento renovado sobre a educação em nós mesmos.
5. Perguntar, interrogar! Quando já dispomos das informações, materiais, textos ou discursos que serão objeto de nossa análise, não nos limitamos a perguntar "o que é isso?". Buscamos estabelecer conexões com outras enunciações e discursos que tenham

sido disseminados em diferentes tempos e lugares. Além disso, realizamos outras indagações, inspiradas por pensadores que se inserem no âmbito dos pensamentos "pós".

6. Descrever! Nós nos dedicamos intensamente à descrição, com um enfoque meticuloso e minucioso. A descrição é crucial para nos permitir revelar as regras subjacentes à manifestação de um discurso, de uma linguagem, de um artefato e de um objeto, além de estabelecermos relações detalhadas entre os textos, discursos e enunciados em suas diversas complexidades. A descrição é um recurso essencial para demonstrar as transformações, continuidades e descontinuidades, bem como as potencialidades e fragilidades desses elementos. Em última análise, somente por meio da descrição detalhada podemos encontrar estratégias para nos transformarmos em indivíduos diferentes daqueles que nos foram moldados.
7. Analisar as relações de poder! Se nossa abordagem da descrição de textos e discursos é sempre analítica, nossa análise das relações de poder assume uma natureza predominantemente descritiva. Realizamos análises descritivas das relações de poder envolvidas na produção de conhecimento, inspirando-nos nas estratégias analíticas da genealogia, um termo nietzschiano empregado por Foucault para descrever um método de investigação que visa examinar a formação de conhecimento histórico a partir das lutas e sua utilização nas estratégias contemporâneas (Foucault, 2000 *apud* Meyer; Paraíso, 2012). Nesse contexto, em nossas análises, buscamos ativar os saberes locais, descontínuos, desqualificados e não legitimados, relacionando-os com os conhecimentos reconhecidos.
8. Multiplicar! Multiplicar os significados de todos os textos, discursos, linguagens e artefatos que exploramos constitui um procedimento crucial em nossas pesquisas. Em nossas análises, procuramos estender os sentidos daquilo que lemos, demonstrando a fluidez do significado. Expandimos as possibilidades de descrição-analítica e análise-descritiva. Ao realizar a operação de multiplicação, quando nos deparamos com o "é", questionamos imediatamente: será? Empregamos o "e" para agregar, combinar e acrescentar sentidos. Dessa forma, em contraposição à prática de enfatizar um único ponto de vista, buscamos multiplicar os olhos e perspectivas.
9. Poetizar! Outra abordagem valiosa nos estudos das teorias pós-críticas é a prática da atividade poética. Incorporar a poesia na pesquisa educacional e no currículo implica em gerar, produzir, inventar e criar significados novos e originais. Para que ocorra isso, é necessário que agucemos nossos sentidos para a construção de significados sem perdemos a essência poética. Pesquisar utilizando a poética é uma experiência gratificante e surpreendente, mas também é desafiadora. É gratificante porque nos concede a liberdade para inspirar, conectar, mesclar, "roubar". É desafiador porque a criação não é algo simples; romper com as imagens de pensamento já estabelecidas é extremamente complexo e construir algo novo a partir de diferentes fontes, com rigor, exige coragem, audácia, dinamismo e abertura. Na prática poética a referência é importante para a conexão de ideias, mas é fundamental que façamos rupturas com essas referências para podermos reinventar e explorar novos encontros positivos em nossas jornadas de pesquisa e em nossas vidas.
10. Estar à espreita! Para ocorrer a inspiração, é necessário muito preparo e estar constantemente "à espreita" de uma ideia (Deleuze, 2002 *apud* Meyer; Paraíso, 2012). Já que a inspiração pode surgir a qualquer momento e de qualquer lugar. As ações fundamentais para estar à espreita são: abertura - estar receptivo às "multiplicidades" que atravessam nosso ser de um extremo ao outro e às "intensidades" que nos percorrem;

povoação – preencher ou povoar diversos espaços que têm o potencial de desencadear percepções ("novas maneiras de ver e ouvir") e afetos ("novas maneiras de sentir"); e agenciamento - coordenar forças que permitam a combinação de elementos heterogêneos, a conexão de multiplicidades e a união de pensamentos.

Esses caminhos para elaboração de uma pesquisa na perspectiva pós-crítica são importantes para o pesquisador ter uma noção de como começá-la e os percursos para desenvolvê-la. Contudo, o pesquisador pode optar por seguir um caminho próprio de investigação ou inspirado em outros autores, caso esteja adequado com as perspectivas das teorias pós-críticas (Meyer; Paraíso, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se no momento que as teorias pós-críticas tiveram grandes contribuições para a reformulação do currículo educacional. Elas não apenas desconstruíram, como também criticaram as hierarquias de conhecimentos e poder que historicamente fundamentam o currículo.

Essas teorias valorizam as experiências individuais dos estudantes, independentemente de sua origem, gênero, raça, classe ou identidade, promovendo a inclusão e a diversidade, reconhecendo que cada aluno traz consigo uma riqueza de experiências e perspectivas que enriquecem o ambiente de aprendizado. Além disso, o currículo nessa perspectiva não pode ter uma abordagem universal e única. Assim, ele deve dar ênfase no local onde o ensino está ocorrendo e a contextualização do conhecimento, de modo a aproximar o aluno do conteúdo. Isso implica em um currículo que pode variar para cada local ou instituição de ensino, refletindo as necessidades únicas de cada ambiente educacional.

No campo da pesquisa, as teorias pós-críticas abriram outros caminhos para uma análise mais aprofundada do objeto de estudo. Essas análises evidenciam questões relacionadas à identidade, relações de poder e o multiculturalismo, seja, as pesquisas com a perspectiva pós-crítica, geralmente, trabalham com temáticas que antes eram considerados como “tabus” ou ocultadas socialmente.

É importante salientar que, embora este ensaio destaque as contribuições das perspectivas pós-críticas, as teorias tradicionais e as críticas desempenharam um papel importante no desenvolvimento do currículo e nas pesquisas acadêmicas. Apesar de algumas problemáticas com relação aos seus fundamentos, essas teorias surgiram em contextos históricos e sociais distintos e, portanto, oferecem perspectivas valiosas que ainda são relevantes na atualidade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 16. ed. Editora: José Olympio, 2018.

CANEN, Ana; OLIVEIRA, Ângela Maria A. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista brasileira de educação**, n. 21, p. 61-74, 2002.

CARNEIRO, Aílton José dos Santos. Salvador dos homossexuais: militância homossexual e homossociabilidade na Bahia nos anos 1980. **Temporalidades**, v. 7, n. 3, p. 9-30, 2015.

- COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. O Feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: **UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher**, 2008.
- COUTO, Sônia. **O método Paulo Freire**. Acervo do Centro de Referência Paulo Freire. 2003.
- DELEUZE, Gilles. El intelectual y la política sobre Foucault y la prisión. **Archipiélago: Cuadernos de Crítica de la Cultura**, n. 53, p. 68-74, 2002.
- FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos Ael**, 2003.
- FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patricia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, n. 1, p. 51-61, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. Claridade, 2018
- LIMA, José Gllauco Smith Avelino de; PERNAMBUCO, Marta Maria Castanho Almeida. Horizontes pós-coloniais da Pedagogia do Oprimido e suas contribuições para os estudos curriculares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. e230063, 2018.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.
- MACHADO, Carla Silva. Didática e Currículo em Questão: Interculturalidade e teorias pós-críticas no contexto escolar. **Plures Humanidades**, v. 18, n. 2, 2017.
- MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo**: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 23-45, 2012.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 12. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018.
- MOURA, Jónata Ferreira; BRITO, John Jamerson da Silva; SOUZA, Juliana Ferreira de. **Currículo pós-estruturalista e possíveis (Des)construções Queer**: reflexões teóricas sobre gêneros e sexualidades. Editora Científica Digital. 2021.
- RIBEIRO, Alex Pereira; MENEZES, Emanuel Máximo de. Reflexões da Teoria Queer na Educação: Subversão à Obscuridade. In: **Congresso Nacional de Educação (CONEDU)**. 2020. p. 1-10.
- SACRISTÁN, José Gimeno. **O que significa o currículo**. Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, p. 16-35, 2013.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3 ed. Porto Alegre, Penso, 2017.

SILVA, Maria Aparecida da. Currículo para além da pós-modernidade. In: Reunião da Associação Nacional dos Pós-Graduados e Pesquisa em Educação, 29. 2006, Caxambu. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Autêntica, 2016.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na Trilha do Arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 14.

VASCONCELOS, Carlos Alberto; NHACUONGUE, Laurentino Américo. O currículo local como estratégia de promoção da diversidade cultural: uma abordagem na educação formal. **Revista EDaPECI**, v. 23, n. 3, p. 117-127, 2023.